

Phylloscartes paulista Ihering & Ihering, 1907

Passeriformes, Tyrannidae

Nome vernacular

Não-pode-parar.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Atualmente só é registrada na faixa de Mata Atlântica da região leste do Estado. Pode estar extinto no interior sul do Estado, onde já ocorreu no passado em localidades como Botucatu e Florínia (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Ocorre do Espírito Santo ao nordeste de Santa Catarina, chegando ao Paraguai e à Argentina (Sick, 1997; Del Hoyo *et al.*, 2004). É encontrada de zero a 1.000 m de altitude (matas de baixada e encosta) e historicamente nas matas mesófilas do interior (Willis & Oniki, 2003). Vive em florestas altas, úmidas e preservadas. No Estado de São Paulo está restrita à faixa florestal do leste, sendo encontrada apenas na mata de baixada e encosta até 500 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Caraguatatuba, Estação Experimental de Ubatuba, Estação Ecológica Jureia-Itatins e Área de Preservação Ambiental Estadual de Ilha Comprida.

Biologia da espécie

Tipicamente florestal. Vive em mata alta, onde se alimenta de pequenos artrópodes. É observada em casais ou famílias e está sempre acompanhando bandos mistos de copa (Willis & Oniki, 2003). Apresenta comportamento inquieto, pulando de galho em galho e bicando as folhas e galhos atrás de alimento. Sua vocalização é curta e discreta. Esta espécie foi descrita por Ihering & Ihering (1907) com base em exemplares cole-

tados na fazenda Caioá (Salto Grande do Paranapanema), localizada no Estado do Paraná (Pinto, 1944). Espécie de difícil identificação em campo, sendo facilmente confundida com outros *Phylloscartes*.

Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, causada pela expansão agrícola, pecuária e especulação imobiliária, principalmente nas matas de baixada do litoral, onde estão concentrados os registros atuais desta espécie, e nas matas do interior do Estado, de onde este tiranídeo pode ter desaparecido (Willis & Oniki, 2003; Del Hoyo *et al.*, 2004).

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta e de floresta mesófila do planalto; levantamento de informações sobre história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente nas matas do interior do Estado, onde já ocorreu no passado.

AUTOR: Fabio Schunck

